

CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS

CICLO IV DE PSICANÁLISE

(TERÇAS FEIRAS ÀS 19H30)



PROJETO E PROJEÇÕES: A DIFICULDADE INTEGRATIVA

FRENTE À AMBIVALÊNCIA PULSIONAL.

Gabriela Birger

SÃO PAULO

OUTUBRO DE 2021

“O Inferno são os outros”.

(Satre, Jean Paul).

I. Introdução e objetivo do presente trabalho.

Sem a pretensão de exaurir os conceitos que serão doravante mencionados, o escopo do presente trabalho – próximo a um ensaio, e com aspiração reflexiva sobre temas vistos em aula – é o tecer algumas considerações sobre o mecanismo de defesa da projeção sob a perspectiva da clivagem do eu e da dificuldade integrativa frente à ambivalência pulsional que se entende como atávica à formação do sujeito.

Para tanto, tomando por base alguns dos conceitos freudianos, lacanianos e kleinianos (ainda que sem o rigor técnico e aprofundamento que se fariam desejáveis), o recorte analítico que se propõe recai sobre a dificuldade constitutiva do sujeito em lidar com a alteridade que nos é intrínseca – é dizer, com o fato de que nós, enquanto sujeitos formados pela separação, constituímos-nos como cindidos e fragmentados, e, nesse caso, estamos sempre às voltas com demandas que se nos apresentam como *estranhas, como que pertencentes a outrem*.

Remanesce em todo o caso, entretanto, como dúvida, acaso, sob a ótica psicanalítica, seria o inferno de Jean Paul Satre os outros, ou o Grande Outro que nos assombra dia a dia. Em qualquer cenário, parece estar-se diante da relutância à síntese entre o *bom* e o *mau* (se é que estes, em seu absoluto, existem).

II. Infância paranoica e o conceito de projeção como mecanismo de defesa¹.

De infância notadamente paranoica, trata-se a projeção de “*termo utilizado por Freud a partir de 1895, essencialmente para definir o mecanismo da paranoia, porém mais tarde retomado por todas as escolas psicanalíticas para designar um modo de defesa primário, comum à psicose, à neurose, à perversão, pelo qual o sujeito projeta num outro sujeito ou num objeto desejos que provêm dele, mas cuja origem ele desconhece, atribuindo-os a uma alteridade que lhe é externa*”².

Com efeito, em suas formulações iniciais sobre psicose, Freud sustentara haver, no caso da paranoia, “*um abuso do mecanismo da projeção para fins de defesa*”, residindo a projeção em mecanismo de defesa envidado pelo paranoico para se defender de uma “*representação inconciliável com o eu, projetando seu conteúdo no mundo externo*”.

Contudo, especialmente em seu trabalho “*Memórias do Presidente Schreber*”, ocorre o deslocamento em relação ao elemento sobre o qual incidia a projeção nos primeiros textos da obra freudiana: passa a perversão de algo que era do registro da censura para algo que é do registro direto da sexualidade (mais precisamente, repressão contra desejos homossexuais incestuosos em relação à figura paterna).

Como se sabe, porém, conquanto Freud tenha, com a maturidade de seus escritos, reconhecido a nebulosidade do funcionamento da projeção na paranoia – assim tendo enunciado a incorreção do conceito de repressão, e a mais provável

¹ Inicialmente elaborada no contexto da etiologia da histeria, a idéia de defesa adquiriu para Freud um papel discriminador entre as diversas afecções neuróticas, sobretudo no artigo de 1896 intitulado “*Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa*”. O mecanismo de defesa passou, desse modo, a assumir a forma de conversão na neurose histérica, a de substituição na neurose obsessiva e, por fim, a de projeção na paranóia.

² ROUDINESCO, Elizabeth e PLON, Michel. Dicionário de Psicanálise. Ed. Zahar, Paris, 1998. p. 603.

incidência do mecanismo de *supressão* da ideia, ao revés³ – , não retornou ele ao assunto de forma sistemática.

Foi Jacques Lacan quem, tomando por partida a passagem freudiana sobre a hipótese de supressão, veio a desenvolver a tese sobre a *Foraclusão do Nome do Pai*, tão cara às estruturas psicóticas.

Assim, a partir das contribuições lacanianas, a expressão freudiana “*o que foi interiormente suprimido retorna do exterior*” passa a ser reescrita na famosa fórmula segundo a qual o que veio a ser foracluído do Simbólico reaparece no Real.

Certo é que a projeção enquanto mecanismo de defesa e reação expulsiva/negativa em face de representações inconciliáveis ao ego, já nos escritos de Freud, deixou de se restringir às estruturas paranoicas, uma vez reconhecido seu emprego nas demais circunstâncias da vida anímica e estruturas psíquicas, além de ter participação em nossa postura diante do mundo externo – afinal, como dito em sede introdutória, implica a projeção verdadeira distorção na *percepção*, eis que o objeto passa a ser concebido pelo ego a partir daquilo que não pôde ele subjetivar (notadamente, impulsos hostis).

III. A projeção como tentativa do Ego de lidar com a ambivalência e exercer sua capacidade integrativa: um diálogo entre Klein e Psicologia Vincular.

Intimamente conexa à conceituação de *negação expulsiva* contra representações inconciliáveis, a qual é largamente utilizada pelas mais variadas estruturas psíquicas, no campo da metapsicologia freudiana, a projeção aproveita ao

³ “Foi incorreto dizer que a sensação interiormente reprimida é projetada para o exterior; antes nos damos conta de que o que foi interiormente suprimido retorna do exterior. A investigação aprofundada do processo da projeção, que postergamos para outra oportunidade, nos trará a certeza definitiva sobre esse assunto”. (Freud, S. (1993a). Remarques psychanalytiques sur un cas de paranoïa (Dementia paranoïdes) décrit sous forme autobiographique. In: J. Laplanche (Ed. e A. Bourguignon e P. Cotet, Trad.), Sigmund Freud Oeuvres Complètes – Psychanalyse. (Vol. X, 225-304). Paris: PUF. (Original publicado em 1911). p. 294).

ego em sua tentativa de driblar os sentimentos de desprazer, e assim evitar excitações excessivas, que desestabilizam a sempre procurada homeostase pulsional, fruto do princípio do prazer (ou princípio da constância):

“Primeiramente, os sentimentos de prazer e desprazer (que constituem um índice do que está acontecendo no interior do aparelho) predominam sobre todos os estímulos externos. Em segundo lugar, é adotada uma maneira específica de lidar com quaisquer excitações internas que produzam um aumento demasiado grande de desprazer; há uma tendência a tratá-las como se atuassem, não de dentro, mas de fora, de maneira que seja possível colocar o escudo contra estímulos em operação, como meio de defesa contra elas. É essa a origem da projeção, destinada a desempenhar um papel tão grande na causação dos processos patológicos”⁴.

Do excerto acima denota-se como Freud, com toda sua perspicácia, enunciava o que seria mais vastamente discutido por Melanie Klein como a dificuldade integrativa – e, em muitos casos, notória impossibilidade – do ego em aceitar como suas (isto é, próprias dele) ambos os sentimentos de prazer e desprazer, fruto da incontornável ambivalência pulsional⁵. Como pontua Laplanche, em comentário à passagem acima, “esta nova posição do sujeito permite defini-lo como “ego-prazer purificado”, dado que todo o desagradável está fora”⁶.

Não à toa, demarcando essa relação binária, Freud já havia concebido os conceitos de “ego prazer” e “ego realidade”, que são termos utilizados com referência

⁴ FREUD, S. Além do Princípio do Prazer , psicologia de grupo e outros trabalhos. In Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

⁵ “Nos trabalhos de Melanie Klein, na esteira dos de Abraham, a noção de ambivalência é essencial. Para ela, a pulsão já de início é ambivalente: o “amor” do objeto não se separa da sua destruição; a ambivalência torna-se então uma qualidade do próprio objeto, contra a qual o sujeito luta, clivando-o em objeto “bom” e “mau”: um objeto ambivalente, ao mesmo tempo idealmente benéfico e essencialmente destruidor, não se poderia tolerar”. (LAPLANCHE e PONTALIS. Vocabulário de Psicanálise. Ed. Martins Fontes. 4ª Edição. São Paulo, 2001. p. 18).

⁶ LAPLANCHE e PONTALIS, Op. Cit., p. 142.

à gênese da relação do sujeito com o mundo exterior e do acesso à realidade, e que logicamente guardam relação com a oposição entre o princípio do prazer e o princípio da realidade, da seguinte forma: *“O sujeito, como o mundo exterior, encontra-se cindido em uma parte agradável e uma parte desagradável; que resulta uma nova divisão, em que o sujeito coincide com todo o agradável e o mundo com todo o desagradável; esta divisão faz-se por uma introjeção da parte dos objetos do mundo exterior que é fonte de prazer e pela projeção para fora do que dentro é ocasião de desprazer. Esta nova posição do sujeito permite defini-lo como “ego-prazer purificado”, dado que todo o desagradável está fora”*⁷.

Com efeito, e dada a dificuldade em integrar o que mais tarde se denominou de “seio bom/seio mau” – ou ainda, objeto ideal e persecutório –, o ego lança mão da reação expulsiva consubstanciada em projeção, na tentativa de ultimar a pretendida cisão maniqueísta entre “o dentro e o fora”, assim tencionando furtar-se a lidar com impulsos destrutivos endógenos e tão demasiadamente humanos.

Nesses termos, é mesmo notável a relação entre o mecanismo da projeção e a oposição binária enunciado por Klein, onde o sujeito, diante de sua dificuldade integrativa e da concepção dos objetos em sua totalidade e ambivalência intrínseca, alterna incessantemente entre posição depressiva (esta última, que, não coincidentemente, marcada pela concepção integrada da totalidade do objeto, resulta na angústia depressiva) e a posição esquizoparanóide, residindo as operações de *introjeção*⁸ e de projeção em mecanismos que aproveitam ao ego em

⁷ Idem, Op. Cit.

⁸ “Foi num artigo intitulado “Transferência e introjeção” que Ferenczi comparou o psiquismo do neurótico ao do psicótico: “... enquanto o paranóico projeta para o exterior as emoções que se tornaram penosas, o neurótico procura incluir em sua esfera de interesse uma parcela tão grande quanto possível do mundo externo para dela fazer objeto de fantasias conscientes ou inconscientes (...). Proponho chamar esse processo, inverso à projeção, de introjeção.” Sigmund Freud adotaria o termo, próximo de incorporação, mas foram sobretudo Melanie Klein e os kleinianos que o retomaram para descrever todos os mecanismos ligados à relação de objeto, segundo uma trilogia: introjeção, projeção e reintrojeção de objetos, identificação projetiva”. (ROUDINESCO, Elizabeth e PLON,

sua tentativa de contornar a ambivalência a partir da *clivagem do ego seguida pelo clivagem do objeto*⁹.

Dando continuidade, ainda dentro do recorte do desafio do ego em conciliar sua ambivalência pulsional, para tanto se valendo do mecanismo da projeção e da clivagem de objetos – parciais ou totais –, notória a tese de Psicopatologia Vincular desenvolvida por Hernán Kesselman, segundo a qual todo sujeito tem por base núcleos psicóticos fundamentais – confusional, esquizofrênico e melancólico – que provocam em sua sintomatologia defesas reativas ditas *superestruturais de superfície* (área das ideias e representações), tidas por neuróticas ou psicopáticas.

É que, no entender do psicoterapeuta argentino, *“en todo ser humano trataríamos de distinguir entonces, el predominio, sucesividad, simultaneidad o alternancia de estos núcleos psicóticos, para configurar el diagnóstico de estructura psicótica básica de toda personalidad” (...)* *“El esquizofrénico con desconfianza hacia el exterior y confianza en sus objetos idealmente buenos dentro del yo. El melancólico, con envidia hacia el exterior (cualquiera es mejor) y desconfianza extrema hacia los objetos predominantemente malos ubicados dentro de su interior*¹⁰.

Michel. Op. Cit., p. 397).

⁹ “Mecanismo descrito por Melanie Klein e por ela considerado como a defesa mais primitiva contra a angústia. O objeto, visado pelas pulsões eróticas e estruturais, cindem-se em um “bom” e um “mau” objeto, que terão, então, destinos relativamente independentes no jogo das introjeções e das projeções. A clivagem do objeto é particularmente atuante na posição paranóide-esquizóide, incidindo sobre objetos parciais. A parece também na posição depressiva, incidindo então sobre o objeto total. A clivagem dos objetos é acompanhada de uma clivagem correlativa do ego em “bom” e “mau” ego, pois o ego é, para a escola kleiniana, constituído essencialmente pela introjeção dos objetos”. LAPLANCHE e PONTALIS, Op. Cit., p. 68).

¹⁰ Tradução livre: Em cada ser humano tentaríamos distinguir então, o predomínio, sucessividade, simultaneidade ou alternância desses núcleos psicóticos, para configurar o diagnóstico da estrutura psicótica básica de toda personalidade (...) O esquizofrênico com desconfiança para o exterior e confiança em seus objetos idealmente bons dentro de si. O melancólico, com inveja de fora (qualquer um é melhor) e extrema desconfiança em relação aos objetos predominantemente ruins localizados dentro.

Segundo a perspectiva vincular, destarte, vê-se que a estrutura psicótica mercada pela clivagem do objeto é alçada à posição nuclear de toda personalidade básica, ao que seguramente auxilia a operação de projeção, como mecanismo que realiza a separação pretendida entre o *bom* e o *mau*, o *dentro* e o *fora*, aproveitando às percepções persecutórias em que o “mau” está sempre à espreita.

IV. Projetos meus, projeções alheias: alienação do ego pelo desejo do outro e pelo Outro.

Por derradeiro, dentro da lógica de ensaio que nesse trabalho é desenvolvida – mas já não limitado ao emprego da projeção no campo metapsicológico e de defesa às ideias de desprazer – gostaria de propor uma reflexão entre a indissociação entre os projetos que tomamos por próprios e as projeções, especialmente no campo das relações familiares, advindas dos *ideais do eu* tão inexoravelmente introjetados e tomados por nossos através dos processos identificatórios.

Afinal, não raro, o sujeito embarca na extenuante – mas necessária – reflexão em torno dos desejos e expectativas tomadas por pessoais, mas que, *na realidade*, são fruto de projeções e desejos alheios. Quão difícil é identificar, e então reconhecer que aqueles desejos, tão longamente por nós nutridos, não são nossos, mas de *outrem*. Mais fácil é sucumbir à toda sorte de projeção de desejos e expectativas alheias que se lançam sobre nós – por vezes, dado o fracasso daquele que um dia desejou e doravante projeta – para assim completar a alienação pelo outro.

Não se nega, aqui, a hercúlea tarefa que se é distinguir entre o ego e o outro, mormente quando se sabe que a própria constituição narcísica passa pelo que

Lacan chamou de estágio ou fase de espelho¹¹, sendo nossa primeira imagem especular fruto da imagem do semelhante. Inclusive, é pela castração que Lacan, em seu Seminário 11 e no texto "Posição do Inconsciente", analisa o problema da *causação* pela via da constituição do sujeito pelo universo simbólico.

A causação do sujeito é ali desdobrada em duas operações, a alienação e a separação. Ora, quando se considera a alienação como uma das causas, nota-se de saída que se trata de uma operação na qual o sujeito será pensado como dividido, o que seria efeito de seu acesso ao registro simbólico. A entrada do sujeito no campo simbólico das representações inclui uma castração, uma perda. Logo, é justamente a tentativa de ligar o processo de divisão do sujeito ao ingresso na ordem simbólica que levará Lacan a circunscrever *"em que consiste a raiz dessa famosa alienação"*.

A causação – ou seja, o ponto originário a partir do qual o sujeito se constitui – será, portanto, situada na linguagem: *"o efeito de linguagem é a causa introduzida no sujeito. Por esse efeito, ele não é causa de si mesmo, mas traz em si o germe que o cinde"*. O conceito lacaniano de sujeito se distingue aqui radicalmente da noção de indivíduo, uma vez que ele não é causa de si próprio, mas efeito do significante, e, então, intrinsecamente alienado de si mesmo.

Portanto, o fato de o sujeito ser efeito do significante é a raiz que funda os processos de alienação, uma vez que a constituição pelo significante tem como resultado um sujeito dividido. *"A alienação reside na divisão do sujeito que acabamos de designar em sua causa"*.

¹¹ "Segundo J. Lacan, fase da constituição do ser humano que se situa entre os seis e os dezoito primeiros meses; a criança, ainda num estado de impotência e de incoordenação motora, antecipa imaginariamente a apreensão e o domínio da sua unidade corporal. E esta unificação imaginária opera-se por identificação com a imagem do semelhante como forma total; ilustra-se e atualiza-se pela experiência concreta em que a criança percebe a sua própria imagem num espelho. A fase do espelho constituiria a matriz e o esboço do que será o ego". (LAPLANCHE e PONTALIS, Op. Cit., p. 176).

Conjugando-se, pois, a projeção freudiana ao problema da causação lacaniana – aqui, sem o rigor necessário à linguística própria ao psicanalista francês – têm-se por completa a alienação do sujeito pelo desejo do outro, sendo material para o *setting* analítico o perscrutamento de tais relações a partir de uma escuta singular e acolhedora, assim tencionado à elaboração psíquica e à melhor colocação do analisando como sujeito (livre e honestamente) desejante, quaisquer que sejam suas fantasias.

BIBLIOGRAFIA

ROUDINESCO, Elizabeth e PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Ed. Zahar, Paris, 1998.

FREUD, S. (1920) *Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

NASIO, J. D. *Lições Sobre os 7 Conceitos Cruciais da Psicanálise*. Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1997.

LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário de Psicanálise*. Ed. Martins Fontes. 4ª Edição. São Paulo, 2001.

KESSELMAN, H., *PSICOPATOLOGIA VINCULAR*. Em “*Psicopatologia Vincular. Clínica Grupal*”,

TARELHO, Luiz Carlos., *Projeção e Sofrimento Psíquico na Paranoia*.

ZANOLA, Pedro Costa e LUSTOZA, Rosane Zétola. *Alienação e separação no Seminário 11 de Lacan: uma proposta de interpretação*. *Tempo psicanal*. [online]. 2019, vol.51, n.2 [citado 2021-10-02], pp. 121-139 .